



**COLÓQUIO
CAMINHOS
CONTEMPORÂNEOS
DA SEMIÓTICA
VISUAL**

Caderno de Resumos

12 a 13 de novembro de 2019

local: FFLCH-USP



A significação no desenho

Akira Sanoki

O desenho fascina grande parte das pessoas. A leitura do desenho nos parece ser intuitiva, porém a execução não. A utilização de desenhos na nossa cultura globalizada atual nos acostuma, desde cedo, a “ler” esse tipo de imagem feito com linhas e massas, seja assistindo desenhos animados, lendo histórias em quadrinhos, ilustrações em revistas, livros e propagandas. Ao mesmo tempo que para escrevê-las é necessária uma habilidade que, aparentemente, somente algumas poucas pessoas conseguem desenvolver. Longe de existir apenas uma definição que consiga explicá-lo por completo, o desenho vai muito mais além do que representar o que os olhos podem ver. Para a semiótica visual a imagem é um objeto semiótico, isto é, seu sentido é o resultado de uma leitura que o constrói. Estudaremos o desenho buscando entender como ocorre sua significação, utilizando as teorias da Linguística saussuriana e da Semiótica Francesa. Queremos estudar o que um desenho diz, e como ele faz para dizer o que ele diz, fazendo três propostas principais: comparar língua e desenho; um percurso gerativo do sentido no desenho; uma tipologia dos desenhistas. Todas essas propostas visam uma ampliação do que é o desenho e de como ele atua em nossa sociedade.

A semiótica da escultura por meio de categorias plásticas e de sua valorização enquanto objeto narrativo

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte (FFLCH/USP)

Na semiótica desenvolvida por Greimas e seus colaboradores, a escultura é entendida enquanto texto e sua significação se realiza em processos narrativos e discursivos. Nessa semiótica, a escultura é um sistema semiótico plástico; seu plano de expressão é formado por categorias plásticas, responsáveis pela disposição relativa de cores e formas. Desse ponto de vista, essa teoria inclui, na mesma semiótica, a pintura, a fotografia, a escultura, a arquitetura, a poesia visual, o teatro, a performance, o cinema, o vestuário, enfim, toda linguagem que, de algum modo, realiza-se por meio de categorias plásticas topológicas, cromáticas e eidéticas. Uma vez constituída em texto, a escultura torna-se um objeto narrativo, partilhado por seus coenunciadores artistas, amantes de arte, etc. enfim, todo sujeito que entre em relações com ela. Desse modo, a significação da escultura depende, pelo menos, das relações entre as categorias plásticas e a semântica realizada na obra, assim como de seus modos de valorização narrativa, que refletem, justamente, seus modos de valorização social. Nossa comunicação visa, portanto, problematizar a significação da escultura nesses dois domínios.

Abordagem da expressão em semiótica: refletindo sobre objetos não-lineares

Carolina Lindenberg Lemos (DLV/UFC/Semioce)

A teoria semiótica se funda sobre a proposta de que o sentido possa ser estudado de forma transversal, não importando sua linguagem de manifestação. O sentido não seria, assim, verbal, musical ou pictórico, mas humano. Foi então preciso desenvolver uma metodologia geral o suficiente para ultrapassar as especificidades de cada linguagem. Esse movimento teórico-metodológico afastou a semiótica discursiva do tratamento da expressão – talvez percebida como por demais próxima das manifestações individuais. No entanto, o par complementar do significado permanece como uma dívida da teoria que se quer semiótica. Buscamos aqui uma articulação teórica suficientemente geral para o tratamento transversal da expressão, como foi o movimento do estudo do significado. Encontramos na abordagem tensiva justamente um arcabouço que pode vir a ser usado para esse fim. O que propomos aqui é investigar os limites e as adaptações necessárias para a transposição do ferramental teórico da gramática tensiva ao tratamento da expressão. Dado o caráter “temporalizado” das categorias tensivas, é justamente a reflexão sobre objetos não-lineares que nos trará o problema para essa transposição. Uma proposta de resolução dessa questão é, a nosso ver, a chave para tornar as categorias tensivas suficientemente abrangente para que seja aplicável transversalmente às linguagens. Assim como no conteúdo, a abordagem tensiva não dá conta de todas as nuances, garantindo os estudos particulares das expressões. Entretanto, configura-se como uma abstração mais geral das categorias de cada articulação expressiva. Dessa forma, o uso das categorias tensivas permite comparar diferentes expressões, pois coloca os estudos individuais em termos comparáveis.

O plano de expressão da palavra escrita nos quadrinhos

Clarissa Monteiro (FFLCH/USP)

A linguagem dos quadrinhos apresenta modos de leitura, com a relação solidária entre verbal e visual na construção da narrativa gráfica. Estão presentes no quadrinho, portanto, “processos que organizam a composição plástica do texto que, ao contrário de incidirem sobre um único quadrinho, incidem sobre a totalidade da história” (PIETROFORTE, 2014). A leitura do quadrinho convencional ocidental apresenta série de particularidades e orientações: títulos, balões de fala (ou pensamentos) e caixas de texto são colocados como espaços “naturais” do verbal (quando presente). Sob tal perspectiva, o verbal possui, na maioria das vezes, papel informativo ou referencial, sendo seu tratamento plástico algo mais pontual. Certas produções, entretanto, apresentam abordagens que vão além das convencionalidades do quadrinho, sendo o design (tanto a construção diagramática da página quanto o letreiramento) elemento crucial da narrativa. Isso envolve, portanto, a consideração do elemento verbal a partir de seu potencial gráfico/plástico. Combinado com os elementos pictóricos da página, estabelecem-se novas relações entre ambos, abrindo novas camadas de sentido. Esta comunicação, portanto, se debruçará sobre o plano de expressão da palavra escrita nas HQs, seus regimes de interação com o visual/pictórico e seu papel no processo de construção do sentido.

Aspectos narrativos das publicações fotográficas

Daniela Bracchi (UFPE)

Os fotolivros são um fenômeno crescente no âmbito da fotografia e contam com um mercado editorial efervescente. Notamos que a discussão sobre as diversas formas de se construir sentido a partir do sequenciamento de imagens aumenta e interrogamo-nos sobre a compreensão da narratividade dessas imagens. Contribuições da teoria literária ajudam a criar paralelos entre gêneros literários e estilos de encadeamento de imagens e os estudos sobre cinema também colaboram com um aporte sobre a manifestação dos papéis enunciativos e narrativos que se dão a ver no âmbito das imagens. Esses dois campos de conhecimento dialogam atualmente com o arcabouço teórico da análise estrutural da narrativa para a compreensão das imagens fotográficas publicadas em formato de livro. A partir desse pano de fundo teórico, apresentaremos exemplos de análise de sequências fotográficas em que salta aos olhos o sentido mais abstrato que a narrativa fotográfica constrói no âmbito artístico. As imagens distanciam-se da manifestação de relações temporais e causais e constroem sentidos metafóricos ao longo das publicações.

O Cortiço visto de fora: análise de duas capas do romance

Eduardo Prachedes Queiroz (FFLCH/USP)

O Cortiço, romance naturalista de autoria de Aluísio Azevedo, conta com quase cento e trinta anos de vida e continua sendo lido nos dias atuais, ganhando, com frequência, novas edições. As capas de duas delas, publicadas na última década, são por nós analisadas neste trabalho: uma da editora Lafonte (2018) e outra da Editora BestBolso (2010), tendo sido escolhidas com base em semelhanças e diferenças notadas em um olhar anterior ao empreendimento das análises, como o uso exclusivo de desenho em contraste com a mistura de desenho e fotografia, bem como pelas diferentes escolhas de destaques temáticos para as capas. Iniciamos a análise pelo plano do conteúdo, em que buscamos figuras e temas, além dos termos simples do nível fundamental, passando, em seguida, à análise do plano da expressão, sendo verificadas as características cromáticas, eidéticas e topológicas, além da oposição entre linear e pictórico. Cumpridas essas duas primeiras etapas da análise, passamos a relacionar características do plano do conteúdo com características do plano da expressão, buscando por relações semissimbólicas ou que de alguma forma reforcem os conteúdos. Também nos é caro relacionar o sistema semiótico plástico ao sistema semiótico verbal, tratando de entender se cumprem função de etapa ou de ancoragem nesse sincretismo. Realizamos, por fim, uma comparação entre as duas capas para depreender diferentes efeitos de sentido resultantes das escolhas do enunciador quanto a características pertencentes tanto a plano de conteúdo como a plano de expressão.

Escopo e breve história da AISV-IAVS (Association Internationale de Sémiotique Visuelle/International Association for Visual Semiotics)

Elizabeth Harkot-de-La-Taille (FFLCH/USP)

A ideia da criação de uma associação internacional de semiótica visual foi lançada por Michel Costantini e Göran Sonesson no congresso da International Association for Semiotic Studies em Perpignan, 1988. Um ano mais tarde, fundou-se a Association internationale de sémiologie de l'image (AISIM), em Blois, na França, cidade de seu primeiro congresso, organizado pelo Ministère de la Culture et de la Communication. Em 1992, seu nome foi modificado para o atual. O objetivo principal da AISV-IAVS é reunir semiotistas de todo o mundo interessados em significação visual, independentemente de sua tradição semiótica. Suas línguas oficiais são três: espanhol, francês e inglês. O 12º Congresso Internacional da AISV-IAVS ocorreu em Lund, Suécia, em agosto de 2019. Participaram semiotistas de mais de 20 países. Entre Blois (1º Congresso) e Lund (12º), Bilbao, Berkeley, São Paulo, Siena, Québec, México DF, Istambul, Veneza, Buenos Aires e Liège sediaram seus encontros internacionais, nessa ordem. Bordeaux organizará o próximo, previsto para agosto-setembro de 2021. Inicialmente, a AISV-IAVS compartilhou o periódico EIDOS, Bulletin international de sémiologie de l'image, do grupo de pesquisa homônimo, da Université François Rabelais, Tours, como veículo de pesquisa. Em 1996, criou seu próprio periódico, VISIO, Revue internationale de sémiotique visuelle, junto à Université Laval, Québec, acessível online, embora descontinuado. Esta apresentação se dedicará à divulgação da AISV-IAVS e seus trabalhos.

A construção de memes e a (im)parcialidade da imprensa: a gincana de foto-legenda da Folha de S.Paulo

Gustavo André Táriba Brito (FFLCH/USP)

Memes são textos específicos da internet que resultam da disposição dos internautas em transformar e compartilhar toda e qualquer forma que aparece e circula pela web, em geral de maneira anônima (FECHINI, 2018). Na sua forma mais habitual, o meme é composto de um segmento visual e um segmento verbal. A partir de 2014 (CHAGAS, 2016), a brincadeira online passa a ganhar maiores proporções dentro da discussão política nacional quando os presidenciáveis viraram alvos do escrutínio cibernético. Na memesfera, eles são dessacralizados; enaltecidos pelos já partidários às suas ideias e rechaçados pelos seus contrários. Tudo com muito bom humor. Os memes políticos tornaram-se uma importante ferramenta não apenas de divulgação da propaganda dos candidatos ao cargo público, mas também possibilitaram a democratização do debate incluindo camadas antes apartadas (CHAGAS, 2018). Para a pesquisadora Limor Shifman (2014), memes de Internet são formas de expressão e discussão pública cuja manifestação da opinião política é feita de maneira acessível, barata e prazerosa (ibidem, p. 123). O periódico Folha de S.Paulo, ao noticiar o primeiro encontro do recém eleito presidente Bolsonaro e Temer, lançou o gincana cultural de legenda sobre a foto do encontro dos presidentes. Calcados na teoria semiótica discursiva e nos seus desdobramentos tensivos, buscaremos investigar as estratégias enunciativas envolvidas na produção dos "memes" da Folha que apontam, segundo nossa hipótese, a uma não-isenção do jornal diante do fato noticiado.

De Charles Le Brun ao expressionismo: apontamentos semióticos para a abordagem das paixões na visualidade

Gustavo Maciel de Oliveira (FFLCH/USP)

em nossa incipiente pesquisa de doutorado, buscamos, a partir da semiótica de base greimasiana, caminhos para tratar das paixões na pintura, e, por extensão, na visualidade. De um modo geral, na tradição do Ocidente, a abordagem visual das paixões parece estar ligada a uma ênfase na expressão do rosto e na gestualidade do ator do enunciado, ou seja, a uma ênfase na fase da emoção do esquema passional canônico. Um bom exemplo dessa tradição são os escritos do pintor francês Charles Le Brun (1619-1690), que traçou perfis (em forma escrita e em imagens) de como rostos humanos deviam expressar as paixões. Nesta apresentação, optaremos por fazer um paralelo entre Le Brun, que será tomado por nós como representante dessa tradição da pintura no Ocidente (do Renascimento ao fim do séc. XIX), e o expressionismo, que se apresentou, desde o precursor O grito, de Edvard Munch, como uma estética do pathos. O expressionismo é tomado por nós como marco em que o discurso pictórico passou a apresentar as paixões em uma abordagem não somente “enunciativa” (discurso da paixão) e marcadamente socioletal, como na mencionada tradição, mas “enunciativa” (discurso apaixonado) da paixão, ao se valer não só da já comum gestualidade, mas também da “deformação” da figuratividade e da intensificação de elementos expressivos da linguagem pictórica.

A poeticidade do documentário Elena: uma análise semiótica do plano da expressão

Joyce Lopes (FFLCH/USP)

O trabalho proposto visa abordar a significação no filme brasileiro Elena (2012), dirigido pela mineira Petra Costa. Nele, uma experiência bastante pessoal resulta em um texto fílmico sobre a relação da diretora com a memória da irmã, Elena, que comete suicídio aos vinte anos de idade, no início da década de 1990. A obra vai além da direta rememoração dos fatos ao colocar motivações íntimas da menina-mulher Petra que extrapolam a dor da perda, ou utilizam-na como desencadeadora de outros sentimentos manifestados: os estados de alma, as paixões. Trazendo aspectos de um estilo documental, o longa constrói a figura da personagem-título, assim como das demais, por meio de uma narrativa profundamente emotiva, dando destaque à subjetividade e aos afetos. Pretendemos, a fim de alcançar o objetivo, realizar análise semiótica fundamentada na teoria de linha francesa, aplicada a linguagens sincréticas, como é o caso do cinema. Entendemos o sincretismo como estratégia enunciativa global, sendo fundamental recorrer cuidadosamente à manifestação, dada a importância do plano da expressão nessa arte. Especialmente em uma obra como Elena, que se vale dos recursos de expressão para criar um filme com traços poéticos, não apenas intensificando ou reproduzindo os efeitos do conteúdo, mas também estabelecendo relações sem as quais o conteúdo seria outro.

A teoria grafemática e a análise da visualidade da poesia

Juliana di Fiori Pondian (FFLCH/USP)

Intersemiótico, sincrético, multimodal, intermediático, verbivocovisual: muitos são os nomes e as especulações nas tentativas de definição e análise das ditas linguagens híbridas, da qual faz parte nosso objeto: a poesia visual. Para descrevê-la, também muito se fala nos modos de interação entre sistemas verbais e visuais, porém, faltam-nos modelos instrumentais para observar esses sistemas na prática, em sua materialidade primeira. Diante da identificação desse problema, vimos desenvolvendo um modelo que dê conta da língua escrita a partir de níveis de análise linguística, contemplando igualmente suas características verbais, espaciais e visuais: a grafemática autônoma. Apresentaremos, então, os conceitos-chave desse modelo e sua possível articulação semiótica, via retórica. Desse ponto de vista, considera-se que uma via de análise desses poemas seja por meio da discretização das unidades operatórias da língua escrita, que são arranjadas nos textos enquanto figuras retóricas. Essas figuras, por sua vez, são vistas como mecanismos de discursivização engendrados a partir de operações básicas de adição, subtração, substituição e permutação de elementos na enunciação e/ou no enunciado, produzindo um efeito de intensificação ou atenuação na geração do sentido.

A análise do plano de expressão na poesia visual: uma proposta

Lais Akemi Souza (FFLCH/USP)

A apresentação buscará demonstrar e discutir um método de análise do plano de expressão direcionado à poesia visual, proposto no capítulo “A poesia visual ou a pintura poética” do livro *Ensaio de arte experimental*. Pretende-se elucidar quais ferramentas semióticas são apropriadas para esse objeto, além de apresentar algumas análises utilizando esse recorte. A poesia visual esteve presente na produção humana desde o início dos registros da cultura, mas no mundo ocidental, foi somente no período contemporâneo, ou pós-moderno em que se estabeleceu como um gênero, ou espaço discursivo. A crítica referente a esse objeto, porém, sempre foi focada na presença da visualidade em uma arte tida como verbal. Ao se dedicar apenas em apontar esse fenômeno, comparando-o constantemente com a linguagem da pintura, os estudos fogem do próprio texto, levando a análises rasas. O objetivo do artigo que baseia esta apresentação, portanto, foi discutir um modo possível de análise que considerasse os aspectos próprios de cada obra, possibilitando primeiramente uma análise profunda e direcionada do objeto, e somente então, uma análise intertextual. Para isso, foi utilizada a teoria semiótica de linha francesa, graças ao seu estudo do plano de expressão. Para a aplicação dessa teoria na poesia visual, foram feitas adaptações, que serão tratadas na apresentação. A apresentação e o artigo buscam demonstrar, portanto, como a teoria semiótica francesa pode ser adaptada para contribuir na análise das produções de poesia visual de forma a considerar todos os seus aspectos composicionais.

Jogos de Tiro e a imersão na cena enunciativa

Leonardo Reitano (FFLCH/USP)

O presente trabalho, que visa a confecção de um artigo, pretende compreender as diferenças entre os modos de imersão propiciados pelos jogos de tiro em 1ª Pessoa e 3ª Pessoa. Através de um corpus de jogos diversos, que possuem como elementos comuns: 1) serem jogos de tiro de jogador individual; 2) serem jogos tridimensionais; 3) Serem jogos voltados a um percurso narrativo; e se valendo das pesquisas recentes de Diana Luz Pessoa de Barros sobre a o sujeito enuncivo da internet e os trabalhos de Jacques Fontanille a respeito dos níveis de pertinência semiótica, esta pesquisa pretende analisar como a sincronia entre os elementos visuais e sonoros do plano de expressão nos jogos de tiro em 1ª e 3ª pessoa, tais quais a posição e movimentação da câmera, gestos administrativos das ações do jogador, as opções de recobrimento figurativo das personagens ou a reação e limitações do ambiente às interações do jogador, podem contribuir para um aumento ou diminuição dos efeitos de realidade, que junto dos recursos discursivos, são instrumentais para imersão do jogador na cena enunciativa. Este estudo poderá analisar, do ponto de vista da semiótica narratológica, o argumento frequentemente utilizado por críticos ao afirmarem que a capacidade imersiva dos jogos de videogame seria fundamental para casos de massacres realizados por jovens nos Estados Unidos, Brasil e outros países.

O discurso da performance art

Maria Vitória Siviéro (FFLCH/USP)

A performance art, definida inicialmente como uma manifestação artística híbrida que mistura elementos de outras linguagens, era a maneira como os vanguardistas testavam suas ideias no início do século. Por volta da década de setenta tornou-se conhecida e passou a ser aceita como manifestação artística independente. É sempre lembrada por misturar diferentes linguagens como a poesia a música, a dança, o teatro e o cinema, além de chocar suas plateias com apresentações espontâneas e transgressoras, colocando em xeque a concepção de arte. Assim como as demais linguagens artísticas, a performance art estabelece um modo específico de atuação e a semiótica, que estuda os fenômenos culturais como sistemas de signos, vem a ser uma ferramenta que pode fornecer base para uma descrição da performance art enquanto linguagem, uma vez que relativiza as camadas do significado e permite que se observe os diversos níveis de articulação do sentido em diferentes atos comunicativos. Através dos conceitos da semiótica greimasiana, essa comunicação pretende descrever possíveis coerções de gênero próprias a performance art e desenvolver novas reflexões sobre os contornos de um gênero, aparentemente espontâneo e livre. A comunicação pretende analisar algumas manifestações performáticas e propor um modelo capaz de verificar a relação entre a ação exercida pelo artista performer e o espaço onde ela acontece. O objetivo central será contribuir para a análise das obras deste gênero e investigar as relações que comumente se estabelecem entre o espectador e a própria obra, utilizando para tanto, o critério do espaço onde a ação se desenvolve.

As memórias do risco na pixação (com “x”) de São Paulo Micaela Altamirano (PUC-SP/COS/CPS)

Das periferias aos centros, a paisagem urbana da cidade de São Paulo exhibe inscrições com estilo caligráfico caracterizado por letras de formato geométrico e verticalmente alongadas, praticamente ilegíveis para o público em geral. Essas marcas estão presentes nos muros de casas, portas de comércio, mobiliário urbano, monumentos, e, principalmente, no alto das janelas de prédios, assim como em seus topos e suas empenas. Comumente tachadas como resultado de atos de puro vandalismo e manifestação narcísica, essa presença visual é apenas um dos elementos que caracteriza o movimento da pixação (com “x”), que converge um conjunto de práticas coletivas surgida na cidade de São Paulo na década de 1980, protagonizadas predominantemente por sujeitos historicamente marginalizados e essencialmente periféricos, que conclamam a participação na construção identitária e dos sentidos dos espaços na cidade. As marcas na paisagem urbana exibem a memória dos percursos de seus autores em uma cidade que pautou as escolhas de seus espaços centrais no gosto e nas demandas de suas camadas dominantes, criando uma dinâmica segregadora e reservando uma vida permeada pelo risco a seus habitantes periféricos. Ao abordar o universo da pixação, buscaremos analisar como a visualidade de seus modos de ocupação dos espaços públicos da cidade – as chamadas “modalidades” –, seu arranjo estético e plástico rítmico presentificam modos de vida desses sujeitos e os riscos na sua interação com a urbe ao longo das quatro últimas décadas, figurativizando uma identidade periférica na paisagem urbana.

A estesia em Asas do Desejo (Der Himmel über Berlin, 1988), de Wim Wenders Natália Guirado (FFLCH/USP)

No filme *Asas do Desejo* (Der Himmel über Berlin, 1988, direção de Wim Wenders) na Berlim pós-guerra, Damiel e Cassiel são anjos que andam pela cidade ouvindo sobre as dores e dilemas humanos e observando a vida de diversas pessoas. Por serem invisíveis aos mortais, não são notados por estes em seu dia a dia. Entretanto, lêem seus pensamentos e tentam confortar a solidão e a depressão daqueles que encontram em seus caminhos. Um dos anjos, ao se apaixonar por uma trapezista, deseja abrir mão de sua imortalidade para se tornar um humano e experimentar as dores e alegrias de um cotidiano comum. Abordaremos em uma análise semiótica como se dá o encontro do sujeito, o anjo Damiel, com a “perfeição”, o encontro estésico que modifica toda a narrativa fílmica a seguir, já que a relação entre a intangibilidade e a materialidade trazem questões centrais do filme: a eternidade e a efemeridade.

Vendo o mundo por meio de desenhos e fotografias: uma abordagem semiótica das imagens nas HQs *O Mundo de Aisha* e a arte de Charlie Chan Hock Chye

José de Arruda Brandão (UniFanor Wyden)

9

Fruto de uma dissertação realizada na Universidade Federal do Ceará (UFC), o presente trabalho tem como interesse principal discutir as relações entre desenhos, fotografias e os discursos sobre a realidade em duas histórias em quadrinhos. Durante as décadas nas quais se desenvolveram paralelamente, as linguagens quadrinística e fotográfica tiveram diversos pontos de tangenciamento, se não diretamente por meio de hibridismos explícitos em obras pontuais, por meio de referências e influências mútuas (BARBIERI, 1998; GROENSTEEN, 2007; PAIM, 2013; PEDRI, 2015). Propomos em outra ocasião (BRANDÃO, 2019) diferentes tipologias para as relações entre imagens fotografadas e desenhadas, sendo uma delas a relação dêitico-mimética, na qual fotos e ilustrações se revezam no fluxo narrativo e no grid das páginas com o intuito de abordar em maior amplitude, histórias que procuram se ancorar numa suposta realidade, ou mesmo que, por serem ficcionais, critiquem os “efeitos de real” articulados por esses tipos de imagens. Iremos refletir especificamente sobre os usos dos desenhos e das fotografias presentes em duas obras: *O Mundo de Aisha* (BERTOTTI, 2015), uma reportagem em quadrinhos realizada a partir das imagens e dos relatos de mulheres muçulmanas reunidos durante visita da fotógrafa francesa Agnes Montanari ao Iêmen; e *A Arte de Charlie Chan Hock Chye* (LIEW, 2018), uma reportagem ostensivamente “documentada” sobre o suposto “melhor quadrinista da História de Singapura”, que dá nome à obra. A partir delas, iremos construir uma abordagem sobre os discursos construídos ao redor de foto e de desenhos, partindo da semiótica de Charles Peirce.

Grande sertão: veredas em quadrinhos?

Renata Mancini (UFF)

Buscando a aproximação da Semiótica com os Estudos de Tradução e Adaptação, propomos uma análise da tradução intersemiótica do clássico da literatura brasileira “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, para a HQ de mesmo título, adaptada por Rodrigo Rosa e Eloar Guazzelli. Procuraremos explicitar algumas estratégias e escolhas para entender os efeitos de sentido buscados pelos autores da obra em quadrinhos na comparação com o romance. Partindo da noção de que o tradutor recria o projeto enunciativo de partida em um novo ato que se estabelece como simulacro (mais ou menos próximo) do ato original, lançaremos mão da noção de arco tensivo – um perfil sensível da obra que integra seu projeto enunciativo e que se desenha a partir do mapeamento de momentos tônicos, das inflexões, efeitos de aceleração/tonicidade em contraposição aos de desaceleração e atonia – para explicar a construção de ambiências sensíveis como o suspense, o impacto, entre outras, na relação do romance com a HQ.

Ancoragens temporais na visualidade cinematográfica de traduções intersemióticas

Taís de Oliveira (FFLCH/USP)

Tendo como base a semiótica discursiva de linha francesa (GREIMAS; COURTÉS, 2008), sua vertente tensiva (ZILBERBERG; FONTANILLE, 2001; ZILBERBERG; 2011; FONTANILLE, 2015) e os desenvolvimentos contemporâneos de semiótica visual (DONDERO, 2009; 2012; 2014), analisamos seis filmes resultantes de traduções intersemióticas de romances ingleses clássicos, com o objetivo de descrever as estratégias utilizadas para ancoragens temporais em cada um deles; sendo que três são filmes de época e três são filmes que transpõem as narrativas clássicas para o presente. Nosso corpus é constituído por *Emma* (Sandy Welch, 2009) e *As patricinhas de Beverly Hills* (Amy Heckerling, 1995), *O morro dos ventos uivantes* (Peter Kosminsky, 1992) e a adaptação homônima da MTV (Suri Krishnamma, 2003) e *Sra. Dalloway* (Marleen Gorris, 1997) e *As Horas* (Stephen Daldry, 2002), traduções intersemióticas dos romances *Emma* (AUSTEN, 1985 [1815]), *Wuthering Heights* (BRONTË, 2006 [1847], trad. *O morro dos ventos uivantes*) e *Mrs. Dalloway* (WOOLF, 2003 [1925]), sendo o primeiro de cada par um filme de época e o segundo um filme contemporaneizado.

Visualidade em Anagramático

Valéria Nassif (FFLCH/USP)

Ana Hatherly, formada em filologia germânica, antiga professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH), foi uma importante poetisa do Experimentalismo português -movimento literário que se desenvolveu na segunda metade do século XX e cuja principal característica estética era o experimental nos níveis linguísticos (fonológico, sintático, semântico, etc.) e em níveis considerados extralinguísticos até então, como o nível plástico da escrita. Seus trabalhos poéticos têm, entretanto, uma característica própria que o destaca dentro do movimento: uma grande influência do barroco português, decorrente das pesquisas acadêmicas da autora. Para esta comunicação, propõe-se apresentar parcialmente algumas análises, realizadas a partir da semiótica francesa e da retórica proposta pelo Grupo μ , de poemas do livro *Anagramático* (1970), com foco nas diferentes formas de exploração da visualidade trabalhadas no livro e também em seu diálogo com o barroco.